



PSICANÁLISE

Margot Waddell

Vida interior

Psicanálise e desenvolvimento da personalidade

Blucher

KARNAC

VIDA INTERIOR

Psicanálise e desenvolvimento da personalidade

Margot Waddell

Tradução
Patrícia F. Lago

Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.

Vida interior: psicanálise e desenvolvimento da personalidade

Título original: *Inside Lives: Psychoanalysis and the Growth of Personality*

© 2002 Margot Waddell

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisora gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N. Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Waddell, Margot

Vida interior : psicanálise e desenvolvimento da personalidade / Margot Waddell ; tradução de Patrícia F. Lago. – São Paulo : Blucher, 2017.
384 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-212-1211-9

Título original: *Psychoanalysis and the Growth of Personality*

1. Psicanálise 2. Personalidade I. Título.
II. Lago, Patrícia F.

17-0725

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	21
1. Estados mentais	27
2. Primórdios	41
3. Primeira infância: continência e <i>rêverie</i>	59
4. Primeira infância: defesas contra dor	79
5. Primeira infância: desmame e separação	101
6. Latência	129
7. Modelos de aprendizagem	163
8. A família	189
9. Puberdade e adolescência inicial	209
10. Adolescência média: um exemplo clínico	233
11. Adolescência final: vidas fictícias	257

12. O mundo adulto	283
13. Os anos posteriores	313
14. Os últimos anos	341
Apêndice	361
Bibliografia selecionada	369
Índice remissivo	377

1. Estados mentais

*O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro,
E o tempo futuro também contido no tempo passado.*
—T. S. Eliot

As noções de crescimento e desenvolvimento sugerem uma progressão linear, que é mais diretamente descrita pela passagem cronológica do tempo do nascimento à morte. Há algo, no entanto, em relação a esses aspectos do desenvolvimento da natureza humana que a simples cronologia não consegue explicar. É o que alguns psicanalistas chamam de “estados mentais”.

Não existe uma definição psicológica simples para o que Eliot sugere no poema citado, mas ainda assim o trecho transmite algo crucial para a tarefa de compreender o que significa a noção de “estados mentais”. Qualquer estado mental no presente, ainda que

fugaz, é fundado no passado e, ao mesmo tempo, contém um possível futuro. Muito reside na sua natureza e qualidade: ele alimenta as bases para uma possibilidade de desenvolvimento? Ele limita um crescimento potencial a determinada “configuração mental” estática ou congelada? Ele coloca o desenvolvimento em um curso reverso, ligando a personalidade a um *self* passado do qual é novamente difícil de desligar-se? Tais estados podem ser efêmeros ou podem ser arraigados. Eles podem conter encorajamento para seguir adiante, ou oferecer a tentação de olhar para trás.

Cada estado mental singular, ainda que temporário, tem um impacto na personalidade como um todo. O grau de impacto varia conforme o efeito recíproco entre o estado de desenvolvimento particular envolvido e, dentro de tal estado, a atitude mental que é dominante em dado momento.

É certamente possível descrever as características físicas, e até, em certa medida, as emocionais e comportamentais de qualquer fase ou estágio de desenvolvimento, mas a experiência de cada pessoa também tem sua própria especificidade complexa. Seu “presente” está impregnado com as luzes e sombras do seu próprio passado, e do passado dos seus pais. Ele olha adiante para seu próprio futuro, para o futuro dos seus pais, e até mesmo para o futuro dos seus possíveis filhos.¹

As teorias de Klein e Bion possibilitaram pensar sobre a natureza e o significado do comportamento humano, como ele é afetado pela predominância mutável de diferentes estados mentais e pelo impacto desses estados nos saltos de desenvolvimento apropriados a idades específicas: por exemplo, a infância, a latência, a adolescência, a idade adulta. Klein designava esses estados mentais ou atitudes como “posições”, pelo que ela tinha em mente algo como a perspectiva a partir da qual alguém pode ver a si mesmo e

suas relações com o mundo. Essas são as posições esquizoparanoide e depressiva.² A teoria de “posições” a partir das quais a vida e os relacionamentos são experimentados constituiu uma mudança significativa na compreensão psicanalítica, afastando-se da ênfase na explicação e cura de sintomas específicos em direção a uma abordagem segundo a qual as possibilidades de desenvolvimento são delineadas na pessoa como um todo, em sua relação com os estados mentais vigentes.

O termo “esquizoparanoide” descreve a posição mais primitiva, de crianças muito pequenas. Ele engloba tanto a natureza da ansiedade predominante, que é o medo da perseguição, quanto a natureza da defesa contra esses medos. Esta última está no termo “esquizoide”, ou funcionamento cindido,³ em que tanto as pessoas como os acontecimentos são experienciados em termos muito extremos, seja como irrealisticamente maravilhosos (bom) ou como irrealisticamente terríveis (ruim). Esse estado mental tende a caracterizar-se por uma preocupação exclusiva com os próprios interesses, por um sentimento de perseguição em face de dor e sofrimento emocional, e por um foco na autopreservação a todo custo. É um estado natural e necessário nessa fase muito precoce. Para a criança, é ter que gerenciar experiências emocionais que ela ainda não tem a capacidade psíquica para digerir por si mesma.

Na posição seguinte, a “depressiva”, prevalece uma atitude com maior consideração, um relacionamento com o outro de certa forma equilibrado, embora ambivalente. Surgem sentimentos de preocupação, e o princípio de uma capacidade de experimentar remorso pelo mal que sente ter sido feito, para o ente ou os entes queridos, pelo *self* frustrado e irritado. Tal reconhecimento desperta sentimento de culpa e o desejo de tornar as coisas melhores, de reparar. Essas respostas estão organizadas em torno de uma experiência do outro como separado do *self*, como sendo uma

pessoa inteira, possuindo sua própria vida independente, alheia às preocupações limitadas das necessidades pessoais imediatas. Essa experiência, por sua vez, desperta ansiedade, pelo receio de que a fragilidade do outro também possa colocar em risco o *self*. No centro dessa ansiedade está o problema permanentemente complexo da relação entre egoísmo e altruísmo. Esse problema torna-se focado nos sentimentos profundamente mistos e ambivalentes que Klein descreve como característicos da posição depressiva.

A mudança de estado mental de esquizoparanoide para depressivo – ou do primariamente narcisista para o relacionamento objetal⁴ –, nos termos que a teoria psicanalítica descreve, é maravilhosamente evocada no romance *Middlemarch*, de George Eliot. A descrição é da desilusão de uma jovem noiva, tanto com ela como com o marido:

Todos nascemos em estupidez moral, tomando o mundo como um úbere de que se alimentam nossos seres superiores: Dorothea tinha cedo começado a emergir dessa estupidez, mas ainda assim havia sido mais fácil para ela imaginar como se dedicaria ao Sr. Casaubon, tornando-se mais sábia e forte na força e sabedoria dele, do que conceber com essa clareza, que já não é reflexão, mas sensação – uma ideia forjada na objetividade dos sentidos, como a solidez dos objetos –, que ele possuía um eixo equivalente de si mesmo, do qual as luzes e sombras sempre prosseguem com uma certa diferença.

(1872, 1985, p. 243)

Essa mudança de um estado mental para outro, ainda que inicialmente possível na primeira infância, não é de forma nenhuma

inteiramente obtida naquele momento. Ao contrário, é um desafio para o qual deve haver repetidas respostas ao longo da vida.

No trabalho de Klein, há uma percepção de que ocorrem oscilações ao longo da vida entre uma atitude predominantemente egoísta e autocentrada em relação ao mundo e uma atitude de generosidade e preocupação, ainda que tal atitude seja sempre influenciada por uma preocupação com o *self*. Mesmo depois de uma postura mais depressiva ter sido alcançada, é possível que, sob a influência de uma ansiedade intensificada, do medo de separação, por exemplo, uma pessoa perca a capacidade de ver as coisas a partir do ponto de vista de outra pessoa e torne-se obstinadamente convencida do seu próprio. Ela pode escorregar, nos termos de Klein, de uma capacidade de preocupação depressiva para um conjunto mais egoísta de preocupações com ela mesma. Da mesma forma, ela pode recuperar seu *self* empático anterior quando o período de teste houver passado.

Bion (1963) tendia a ver a relação entre as duas atitudes como um tipo mais imediato de vaivém. Ele representava esquematicamente a questão como um movimento contínuo entre os dois polos PS ↔ D (p. 102). A formulação PS ↔ D sugere ainda uma noção específica de Bion: a saber, que cada avanço no desenvolvimento ocasiona um grau de perturbação interna e ansiedade que temporariamente coloca a personalidade em desordem, ou seja, de volta a um estado mental mais caótico.⁵ A turbulência incitada pelas mudanças internas é intrínseca ao crescimento emocional, daí a ênfase bidirecional no diagrama. Tal diagrama também sugere uma oscilação constante, a cada momento, entre diferentes estados mentais temporários, bem como entre estados mentais que, de modo mais amplo, pertencem às grandes fases de desenvolvimento sendo descritas.

Essa ideia de estados mentais em constante mudança, cogitada tanto por Klein como por Bion, propõe uma explicação de crescimento e desenvolvimento em que uma série de diferentes tipos de oscilação está sempre presente. Há uma interação constante, por exemplo, entre os estados mentais que geralmente caracterizam cada fase de desenvolvimento. Mas em cada fase existe também uma interação entre as posições esquizoparanoide e depressiva. Atitudes mentais próprias de diferentes estágios de desenvolvimento – infância, latência, adolescência e idade adulta – sofrerão, a qualquer momento, a influência de forças emocionais próprias de uma ou outra posição, independentemente da idade real do indivíduo. O estado mental de um adulto pode ser encontrado em um bebê; o de um bebê, em um adolescente; o de uma criança pequena em um idoso; o de um homem de meia idade em um menino na latência. Esses diversos estados mentais produzirão efeitos em relação à atitude emocional referente ao *self* e ao *self*-no-mundo que prevalecer no momento. Presente, passado e futuro estão contidos em qualquer estado mental. Esses estados flutuam e se alteram com as nuances das forças e relações internas e externas, sempre oscilando entre tendências egoísticas e altruístas.

Baseando-se em uma das metáforas de George Eliot, pode-se descrever o vaivém como uma alternância entre olhar para o *self* em um espelho e olhar através de uma janela para as vidas de outras pessoas. Talvez, sob o impacto da renovação de ansiedades ou perdas, o olhar possa retornar novamente para o espelho.⁶ É muitas vezes difícil tentar determinar com alguma precisão qual é o estado dominante, mas é necessário, a fim de identificar as experiências que são significativas para o *self* em crescimento, e como elas podem, como consequência, promover o desenvolvimento.

Um par de breves exemplos ajudará a esclarecer essa relação complexa entre estados mentais e estágios de desenvolvimento. Eles destacam a importância, tanto para o *self* como para o outro, de se registrar qual aspecto da personalidade é predominante em qualquer dado momento. Só então é possível determinar qual poderia ser uma resposta apropriada, ou possível – uma que estimule a compreensão, em vez de obstruí-la.

O primeiro é uma vinheta. Ela descreve como a Sra. Brown, de oitenta e nove anos de idade, passou a sentir um ciúme intenso ao acreditar que seu marido, Eric, de noventa anos de idade e fiel por quase 60 anos de casamento, estava sentindo-se atraído por sua amiga recém-viúva de oitenta anos de idade, Gladys. Quando questionada, em um almoço de domingo, por que estava atipicamente calada, a Sra. Brown descreveu o “péssimo momento” por que tinha passado em um jantar na noite anterior. A Sra. Brown havia combinado com seu marido de tentar animar Gladys. Ela disse que a noite havia sido terrível porque ficou claro que a dona da casa “estava apenas esperando eu morrer para que ela pudesse morar com Eric”. Ao relatar suas suspeitas, a Sra. Brown olhava ansiosamente para seu marido, que parecia confuso, aparentemente sem entender o que ela estava sugerindo. Ele simplesmente comentou que não gostaria de ter que conviver com “todos os parentes horríveis de Gladys”. A Sra. Brown não se tranquilizou. Apenas ao final, e após questionamento explícito, seu marido acrescentou que a viúva, também, era horrível e absolutamente fora de questão como uma parceira em potencial. Sua esposa relaxou e começou a falar animadamente e coerentemente sobre a situação política corrente.

Apesar de seus anos de maturidade e da constância de seu marido, a Sra. Brown ficou temporariamente sobrecarregada por um tipo de ansiedade que é experimentada pela primeira vez muito cedo na vida, e que é característica dos sentimentos edípicos da

infância, que é o desejo por parte do bebê, ou criança, da posse exclusiva de um dos pais e exclusão do outro.⁷ Foi incapaz de pensar ou funcionar apropriadamente até que sua mente foi colocada em repouso. Ela encontrou-se no encalço das inseguranças primárias que nunca haviam sido completamente dissipadas. O que, para outros, aparentava ser a sabedoria de anos, escondia um *self* tempestuoso, que era vulnerável, frágil e propenso a angústias e medos irracionais quando quer que ela fosse confrontada com perda, real ou imaginária.

A Sra. Brown foi assolada por uma certeza persecutória de traição e abandono. Essa certeza possuía todos os traços distintivos da crença ciumenta de uma criança de ter sido substituída no afeto da pessoa que mais importa. A criança é forçada a perceber que aquela pessoa mais amada também tem relacionamentos importantes com outros, sejam eles um parceiro ou filhos. A Sra. Brown foi incapaz de manter em mente o tipo de pessoa que ela sabia que seu marido era. Ela ignorou o Eric real e viu apenas uma versão polarizada e persecutória de seus temores. Era como se ela tivesse perdido a capacidade de consideração depressiva e tivesse ficado presa em um estado esquizoparanoide, mais característico, em termos de desenvolvimento, de um bebê de três meses de idade do que de um adulto de oitenta e nove anos de idade. Neste estado mental, a Sra. Brown poderia transformar até mesmo a figura mais fiel e carinhosa em um algoz volúvel.

Em uma situação como essa, percebe-se a maneira como, a qualquer momento, uma pessoa pode encontrar-se em um estado mental que é sentido como incontrolável e insuportavelmente persecutório. Esses estados têm de lutar com outras forças na personalidade, as quais pertencem a um *self* mais estável, calmo e esperançoso. Uma batalha interna deste tipo parecia estar acontecendo no curso de uma sessão de terapia de Leroy, um menino de

doze anos de idade. Leroy estava no início da puberdade e começando a lutar com preocupações com as mudanças no seu corpo e sentimentos sexuais desconhecidos. Ele também estava ficando cada vez mais inquieto, com uma mistura de emoções, em relação ao seu pai ausente e pouco confiável, que havia saído de casa quando ele era bebê. Desde então, seu pai permanecera mudando-se constantemente, tendo filhos com diversas parceiras diferentes e sobrevivendo como músico por contratos eventuais. Em uma ocasião, quando Leroy tinha acabado de ser informado de que seu pai estava inesperadamente voltando para casa para uma visita, ele ficou especialmente confuso sobre seus sentimentos em geral e em relação a seu pai:

Ele caminhava e fazia barulhos estranhos com trechos de melodias e música “rap”. Seu ar era arrogante e ao mesmo tempo preocupado. Ele olhou para mim (seu terapeuta homem) de uma forma que pareceu intrusiva, e em seguida atirou-se em uma cadeira. Deitado de costas, com os pés em cima da mesa, ele disse: “Eu preciso de boocetaaaaa!...”. Quando eu perguntei mais sobre o que ele estava pensando, ele respondeu asperamente: “Ah, vou te dizer. Minha mãe me bateu no fim de semana e tenho dezessete tapas nas minhas costas. Você não pode vê-los agora porque eles melhoraram”. Ele falou indistintamente, mas parecia haver uma ligação entre os “tapas” e uma referência disfarçada a consumo de drogas. Ouvi em silêncio. O excitamento de Leroy começou a diminuir. Ele repentinamente anunciou que nada do que dissera era verdade. Sua mãe não tinha batido nele, mas ele tinha tido uma briga com seu amigo Ziggy. “Ele disse que não quer que eu vá à sua festa de aniversário.

Eu disse que não me importava e o empurrei. Ele então me deu um soco e eu caí, e eu me levantei e dei um gancho e o derrubei, e depois dei um chute nele.” Leroy fez uma pausa e disse, com uma voz suave, que agora se sentia muito culpado. Ele não achava que Ziggy tivesse se machucado muito. Ele (Leroy) não queria machucar ninguém. “Eu sou uma boa pessoa na verdade.”

Neste pequeno trecho, podemos ver como diferentes estados mentais e visões de mundo dominavam os pensamentos e comportamentos de Leroy quase que momento a momento. Seu terapeuta sabia que ele estava preocupado com a visita de seu pai. Ele estava com medo de que seu pai ficasse zangado com ele por se meter em encrencas e não ter um bom desempenho na escola. A arrogância sexualmente carregada de Leroy indicava não somente uma negação de quão pequeno e inadequado ele realmente se sentia, mas também, talvez, uma identificação parcial com uma imagem interna de seu pai como uma pessoa de quem ele se gabava, mas que ele também temia. Às vezes ele o via como bom, e às vezes como apenas “um músico severo, erotizado e usuário de drogas”.

Leroy queria ser grande, ser parte do mundo adolescente mais velho, viril, das drogas e *raves*. Sua tendência a dramatizar e exagerar (“Minha mãe me bateu... dezessete tapas”) era uma tentativa de mascarar os sentimentos subjacentes de vulnerabilidade, medo e culpa. De repente, por trás da arrogância, seu *self-bebê-deixado-de-lado* emergiu (“Ele não quer que eu vá à sua festa de aniversário”). Por trás do forte lutador de doze anos de idade havia um menininho ferido, tentando infligir dor no outro, primeiro verbalmente e depois fisicamente. Era como se, no estilo valentão clássico, esses dois rapazes tentassem aliviar-se de seus próprios sentimentos feridos fazendo com que outros se sentissem

igualmente feridos. Por suas ações, Leroy estava comunicando a Ziggy o quão chateado ele havia ficado por ter sido deixado de fora da “festa”. Mas o momento e a ferocidade do ataque sugerem que ele carregou o peso dos sentimentos violentos e angustiados, até então não expressos, de ter sido deixado de fora da vida de seu pai. Dessa vez específica, ele poderia estar especialmente consciente e incomodado com o fato de que ele não fazia parte da vida dos seus irmãos mais novos (ele morava sozinho com a mãe). Figurativamente, ele não foi convidado para os seus aniversários também. Na companhia de seu terapeuta, Leroy poderia começar a pensar sobre suas mágoas profundas, e sobre como suas dificuldades com sentimento de culpa e perda constantemente o impeliram a uma imagem extremamente polarizada sobre a forma como as coisas são. Nesse quadro, o seu lado bom estava sempre em risco de ser deixado de lado ou esquecido.

Por esses exemplos, começamos a entender como podem ocorrer mudanças entre estados mentais em que o “pensamento” ocorre de uma forma realista, ligada ao *self* conhecido, e aqueles em que, sob a influência de ansiedade, o pensamento se separa da sua base emocional, e ideias ou atitudes irracionais ou rígidas começam a sobrevir. Os exemplos transmitem o quão complexo pode ser o impacto que diferentes estados mentais e visões do *self*-no-mundo podem ter na personalidade e no comportamento. Um aspecto da sua complexidade é que eles não são naturalmente ligados à cronologia dos estágios de desenvolvimento. E ainda assim eles devem ser levados em conta para a compreensão das sutilezas do desenvolvimento da personalidade. Isso está na essência do funcionamento mental ordinário. Surgem dificuldades, contudo, se um estado mental predomina, excessivamente ou de forma demasiado rígida, a qualquer idade: ou seja, se houver uma ausência da fluidez normal do movimento de um estado para outro,

de uma maneira que pode tornar-se “inadequada” para a idade. É adequado, por exemplo, que uma criança seja infantil, mas não um funcionário público; é adequado que um menino de sete anos de idade seja muito organizado, metódico, até mesmo um pouco retraído e controlado, mas não um adolescente; é adequado que alguém com dezesseis anos de idade esteja preocupado com sua identidade sexual e com desafiar a autoridade, mas não uma criança na latência, e assim por diante.

Se alguém tiver tido a experiência de uma mente continente e observadora externa, disponível para discriminar qual parte do *self* está “no comando” em determinado momento, essa pessoa vai obter, da experiência, uma medida de alguma função semelhante de “*holding*”, que pode, então, permitir que as diferentes partes do *self* fiquem em contato uma com a outra. Pois se os vários estados mentais forem sentidos como sendo recebidos, sustentados⁸ e de certa forma compreendidos, os sentimentos intensos, seja de raiva, medo, ansiedade, ciúme ou paixão, podem ser cada vez mais reconhecidos por aquilo que são. Eles podem ser conhecidos e assimilados na personalidade (ver Capítulo 3). Isso é especialmente verdadeiro em um cenário grupal, onde os sentimentos individuais podem não ser alterados pelo reconhecimento e compreensão.

Não é difícil, por exemplo, entender como Leroy, vivendo como ele vivia em uma comunidade estressada e economicamente desfavorecida, poderia tornar-se ainda mais levado ao tipo de comportamento reativo, brigão e sexualmente provocante descrito anteriormente. Houve claramente um componente de sobrevivência nesse papel que era socialmente adaptativo e não isento de satisfações pessoais. E, no entanto, em muitos aspectos, estava profundamente em desacordo com o lado mais terno e problemático da personalidade de Leroy.

Os exemplos descritos neste capítulo introdutório mostram que há sempre a possibilidade de um determinado estado mental, a qualquer momento, tomar o controle, de forma inadequada e preocupante. Distúrbios podem ser superados espontaneamente, como aconteceu com a Sra. Brown; ou uma criança pode simplesmente desenvolver-se a partir deles. Mas os distúrbios podem ser de longo prazo, ainda que latentes, apenas tornando-se manifestos em alguma crise posterior na vida. Eles podem também, dolorosamente, perder a fluidez e endurecer em traços de caráter que prejudicam a personalidade em crescimento, em vez de favorecê-la e sustentá-la.

Notas

1. Para fins de clareza, estou utilizando o pronome masculino “ele” de forma relutante ao longo do texto. Como tantos dos recentes processos em discussão descrevem interações com a mãe, a acumulação de pronomes femininos ficou muito confusa e a formulação ele/ela muito atrapalhada. No entanto, como ressalta Judy Shuttleworth (1989), as funções sendo atribuídas às mães podem ser, e são, desempenhadas pelos pais e por outros cuidadores que estão em uma relação próxima e continuada com a criança (p. 203).
2. Para a posição esquizoparanoide, consulte Klein (1946); para a posição depressiva, consulte Klein (1935, 1940, 1945). Para uma revisão extremamente clara e concisa da teoria Kleiniana, consulte Spillius, E. B. (1994). *Developments in Kleinian thought: overview and personal view, Psychoanalytic Inquiry, 14(3), 324-364*. Para definições de conceitos e terminologia Kleinianas, consulte Hinshelwood, R. D. (1989). *A Dictionary of Kleinian Thought*. London: Free Association Books.
3. *Split functioning*.

4. Na sua forma mais simples, o “objeto” e as “relações-de-objeto” podem ser descritos como as representações internas de figuras e relações que são emocionalmente significativas, seja positiva ou negativamente. Por exemplo, o bebê tem uma experiência interna de bondade e bem-estar como consequência de ser alimentado, não só fisicamente, mas com amor e atenção. Com a repetição dessas experiências, o bebê sentirá que tem uma fonte de bondade dentro dele, que ele sente como uma espécie de presença concreta, uma que faz parte dele, e não somente que é oferecida a ele de fora. Ele tem um bom relacionamento com um bom “objeto”.
5. O termo que Bion utiliza para esse tipo de turbulência, que é o prelúdio para o crescimento emocional, é “mudança catastrófica”, consulte o Capítulo 7.
6. Consulte, por exemplo, *Adam Bede*, Capítulo 15.
7. Freud descreve um sonho de realização de desejos, ou mito, de tomar o lugar de um genitor e casar-se com o outro. A versão mais básica desse desejo é expressa no anseio da criança de manter o genitor do sexo oposto para si e banir o genitor do mesmo sexo. Freud ficou impressionado com a forma como esses desejos e anseios, geralmente inconscientes, foram descritos no mito de Édipo, como contado por Sófocles no drama *Édipo Rei*. Aqui o herói, sem querer, mata seu pai e se casa com sua mãe. Refletindo sobre o impacto da obra sobre o público, Freud escreveu: “Cada membro já foi, na origem e na fantasia, exatamente como Édipo”. O público veria “a realização do sonho aqui transplantada em realidade” (1897b, p. 265). Consulte Britton, R. The Oedipus Situation and the Depressive Position. In Anderson, R. (Ed.), *Clinical Lectures on Klein and Bion*. London: Routledge, 1991. Veja também o Capítulo 5 e o Apêndice.
8. Os termos “holding”, “hold” e derivados serão traduzidos neste texto pela expressão “sustentar”. (N. do T.)